

APRESENTAÇÃO

O ano de 1968 entrou para a história como um marco da rebeldia e da utopia. De Paris ao Japão, o mundo assistiu aos levantes de estudantes, trabalhadores e jovens contra ditaduras, guerras, burocracias e a busca pela consolidação de novos valores no campo político, da moral sexual, da música e das artes. Estes acontecimentos não se deram de forma homogênea em todos os lugares na medida em que as lutas e as reivindicações trazem articulações locais de momentos históricos específicos com um contexto mais amplo de transformações políticas, econômicas e culturais.

As Ciências Sociais também foram marcadas por este período, com mudanças políticas e pelas (re)leituras teóricas. Principalmente no contexto euro-americano, em que são marcantes acontecimentos como a “Primavera de Praga”, os questionamentos ao Partido Comunista Francês, a radicalização das reivindicações feministas, do movimento homossexual, do movimento ecológico, da luta pelos direitos civis e as reivindicações pelo fim da guerra do Vietnã, dentre outros. No campo teórico, sobretudo no contexto francês, assistimos ao “confronto” entre marxismo e estruturalismo e à consolidação da psicanálise como arena teórica e prática.

O dossiê “40 anos de Maio de 68” da Revista *Mediações*, apresentado em dois volumes, reúne contribuições de autores no âmbito nacional e internacional na busca de compreender este importante período e suas heranças para a atualidade.

Este primeiro volume do dossiê é aberto com o depoimento da antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, que traz a experiência do calor das barricadas de Maio de 68 e as mudanças da cena intelectual francesa, que reverberam atualmente nas teorias desconstrutivistas e no questionamento dos grandes sistemas explicativos. O cientista político Lúcio Flávio de Almeida escreve sobre o 68 no Brasil e examina os processos políticos e culturais a partir de sua própria inserção na luta política contra o regime militar no país. Seu relato evidencia a especificidade brasileira do período: a resistência estudantil à ditadura.

Como afirma Almeida, esses eventos, ainda marcantes para o mundo contemporâneo, demandam análises aprofundadas e, talvez, distanciadas. É esta a proposta dos artigos restantes do dossiê que, no geral, exploram diferentes questões relacionadas ao tema em diversas perspectivas. Neste volume, publicamos

a primeira parte do artigo de Alain Bihl sobre o Maio de 68 francês à luz das transformações do capitalismo e das relações de classes desse país. Ao discutir a crise de hegemonia do período, Bihl aprofunda as condições políticas e econômicas em que se encontravam proletários e demais assalariados, assim como os desdobramentos e conseqüências dessas lutas.

Além de toda a agitação política, foi uma característica de 1968 o surgimento da contracultura, influenciada por novos atores que entravam em cena. O artigo de César Carvalho explora como o movimento contracultural resgatou uma determinada experiência mítica e iniciou uma mudança nos paradigmas do conhecimento. Marcelo Ridenti e Ricardo Antunes retomam os acontecimentos de 1968 no Brasil, sobretudo nos movimentos operário e estudantil, que não conseguiram tornar viável uma alternativa de massas. O dossiê se encerra com o texto de Andriei Gutierrez sobre as contribuições da obra *Poder político e classes sociais*, de Nicos Poulantzas, no processo de renovação do marxismo.

Mediações conta também com uma série de artigos sobre temáticas diversas no campo das Ciências Sociais. Henrique Amorim abre a seção de artigos tecendo uma crítica ao primado das forças produtivas na análise da formação do operariado em classe. Em seu artigo, Monique Aguiar procura romper com as dicotomias presentes nos estudos habituais das rádios comunitárias. Orlando Carvalho Jr. examina o conceito moderno de corrupção que, se aplicado ao pé da letra, representaria a morte da política e o caminho mais seguro para o totalitarismo. O texto de Vívian Santos traz uma reflexão acerca da maneira revolucionária de Maquiavel pensar a política, classificando-o como um intelectual orgânico de seu tempo.

Somos ainda conduzido(a)s às reflexões de Ana Luisa Sallas sobre o universo juvenil. Trata-se da resenha do livro *Juventudes, Desigualdades e Diversidades – Estudos e Pesquisas* cujo destaque são as várias dificuldades desse universo social, a começar por sua invisibilidade tanto nas pesquisas acadêmicas como no que se refere às políticas públicas.

Por fim, esperamos que este novo número da revista *Mediações*, com artigos e depoimentos que nos remetem a um importante momento da história política do Brasil e do mundo ocidental, possa contribuir para o aprofundamento teórico de temas candentes das Ciências Sociais.

Comissão Editorial